

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA

CAMILA GOULART LIMA

**GÊNERO, BRINQUEDO E BRINCAR:
POSSÍVEIS RELAÇÕES NA PERSPECTIVA DAS CRIANÇAS**

Porto Alegre

2017

CAMILA GOULART LIMA

**GÊNERO, BRINQUEDO E BRINCAR:
POSSÍVEIS RELAÇÕES NA PERSPECTIVA DAS CRIANÇAS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia — Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dra. Tânia Ramos Fortuna

Porto Alegre

2017

CAMILA GOULART LIMA

**GÊNERO, BRINQUEDO E BRINCAR:
POSSÍVEIS RELAÇÕES NA PERSPECTIVA DAS CRIANÇAS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia — Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título Licenciatura em Pedagogia.

Aprovada em ____ de _____ de 2018.

Prof.^a Dra. Tânia Ramos Fortuna – Orientadora

Prof.^a Dra. Sandra dos Santos Andrade

Prof.^a Dra. Elisabete Maria Garbin

Porto Alegre

2017

Ser um homem feminino
não fere o meu lado masculino.
Se Deus é menina e menino,
sou masculino e feminino.

(Masculino e feminino, Pepeu Gomes)

AGRADECIMENTOS

Em toda ocasião há um tanto de coisas para agradecer e nesse momento tão especial quero recordar de algumas pessoas que foram essenciais na minha caminhada até aqui.

Em primeiro lugar quero agradecer a minha mãe e educadora, que foi a minha influência para seguir o caminho docente.

À minha querida orientadora professora Tânia Ramos Fortuna, que me mostrou o lindo caminho do brincar e foi minha inspiração e alento nos momentos nos quais estava exercendo a docência.

Ao Programa de Extensão Universitária “Quem quer brincar?” da UFRGS, que me acolheu, me ensinou e me mostrou uma alegre estrada na qual me encontrei na educação e ampliou o meu olhar para o lúdico.

À escola na qual apliquei o questionário e me recebeu de portas abertas e às crianças que o responderam, sempre entusiasmadas e cooperativas com o trabalho.

À professora Sandra dos Santos Andrade, que me apoiou no estágio obrigatório e com muito carinho, confiança e atenção me fez evoluir e me reinventar encontrando um jeito ainda melhor de ser educadora.

Ao 5º ano do colégio de Aplicação e à professora Tanise Ramos Müller, que me acolheu no estágio final do curso e com a sua sensibilidade e amor marcaram a minha vida.

À professora Elisabete Maria Garbin, que escutou semanalmente as minhas angústias, orientou e acalmou minha experiência ao decorrer do trabalho de conclusão de curso.

Ao meu incrível namorado, que foi luz nos momentos de escuridão e me trouxe com seu amor e cuidado até aqui.

RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo analisar qual a relação entre o brincar e a construção de gênero, tendo em vista como o gênero interfere no estabelecimento e desenvolvimento do brincar e como é possível desconstruir a divisão do brincar segundo o gênero. A forma encontrada para estudar o tema foi por meio de um estudo exploratório, organizado através de um questionário com 35 crianças/adolescentes de 9 a 17 anos de idade de uma escola da rede estadual da cidade de Viamão, com intuito de descobrir qual a visão deles sobre o brincar e os brinquedos, em casa e na escola. O trabalho aborda conceitos-chave, como o termo gênero, a importância do brincar e a relação de gênero e o brincar. Por fim, são analisadas as predominâncias e tendências dos dados obtidos a partir da aplicação do questionário. Para sustentar a minha pesquisa e fundar as análises, foram utilizados como base os autores Louro, Fortuna e Brougère. Entre os principais achados do estudo destaca-se o preconceito que as crianças têm sobre os brinquedos e brincadeiras típicas de cada gênero. Entendendo que o brincar deve ser uma expressão livre, a escola deve cessar a multiplicação desses padrões sexistas e trabalhar a mudança, colocando isso como pauta no planejamento diário e introduzindo brinquedos e brincadeiras nas quais todos brinquem igualmente e juntos, quebrando padrões de cores, filas, falas e comportamentos diferentes de acordo com o gênero.

Palavras-chave: Gênero. Brincar. Brinquedos. Brincadeiras. Formação docente.

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	09
1.1 O CAMINHO ATÉ AQUI.....	10
2 CONCEITUANDO GÊNERO	12
2.1 ESCOLA E CONSTRUÇÃO DE GÊNERO.....	13
3 VAMOS BRINCAR? A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL	15
3.1 RELAÇÕES ENTRE O GÊNERO E O BRINCAR.....	16
4 CAMINHOS METODOLÓGICOS	19
4.1 COMPOSIÇÃO DO GRUPO.....	20
4.2 QUESTIONÁRIO.....	21
5 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS OBTIDOS	23
5.1 QUESTIONÁRIO PARTE 1.....	23
5.1.1 Conte quais as brincadeiras que você mais gosta de brincar em casa	23
5.1.2 Escreva quais brincadeiras você mais gosta de brincar na escola.....	24
5.1.3 Com quais brinquedos você mais gosta de brincar?.....	24
5.1.4 Com quem você costuma brincar em casa e na escola?.....	25
5.1.5 Cor favorita.....	26
5.1.6 Quem são seus melhores amigos/amigas?.....	26
5.1.7 O que, para você, é brinquedo de menina?.....	26
5.1.8 O que, para você, é brinquedo de menino?.....	27
5.1.9 O que você acha sobre existir a diferença entre brinquedo de menino e brinquedo de menina?.....	27
5.2 QUESTIONÁRIO PARTE 2.....	28
5.2.1 Bicicleta.....	29
5.2.2 Cozinha de brinquedo.....	30
5.2.3 Boneco.....	31
5.2.4 Carrinho de Bombeiro.....	32
5.2.5 Utensílios de Cozinha.....	33
5.2.6 Boneca Bebê.....	34
5.2.7 Carrinho com uma boneca.....	35
5.2.8 Bonecos da Peppa.....	36

5.2.9 Escorregador.....	37
5.2.10 Bola de Futebol.....	37
5.2.11 Carrinho de Bebê.....	38
5.2.12 Dinossauro.....	39
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: DESCONSTRUINDO ESTEREÓTIPOS.....	40
REFERÊNCIAS.....	43
APÊNDICE A.....	45
APÊNDICE B.....	48

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As relações de gênero são construídas culturalmente desde cedo, visto que as crianças formam suas identidades e aprendem valores referentes à identidade de gênero. A escola é um ambiente que, desde o princípio, produz diferenças de gênero nas crianças e nos adolescentes, salientando as qualidades, os atributos, as diferenças e as desigualdades. Ela divide as filas, as mesas, os trabalhos em grupo, os brinquedos, as brincadeiras, os momentos no pátio; mostra, portanto, o que pode ou não ser feito e, nas práticas rotineiras e comuns, fabrica sujeitos.

Essa mesma escola é um ambiente pedagógico que, entre a multiplicidade de propostas, também precisa possibilitar o brincar. Os docentes possuem a obrigação de mostrar novas possibilidades às crianças, tomando decisões didáticas apropriadas, diversificando e fornecendo um ambiente favorável para as brincadeiras e para a harmonização das relações.

Tendo em vista essas questões, chega-se ao questionamento: qual a relação entre o gênero e o brincar? No que o brincar interfere na construção de gênero? No que o gênero interfere no brincar das crianças? Como podemos desconstruir a divisão de gênero no momento das brincadeiras?

Nesta pesquisa, almeja-se refletir sobre as relações de gênero presentes nas brincadeiras e na escolha dos brinquedos relacionados a meninos e meninas. Assim, procura-se contribuir para a prática pedagógica sobre as percepções infantis dos brinquedos e das brincadeiras, buscando a desconstrução da divisão de gênero.

O trabalho é organizado de forma a trazer, num primeiro momento, uma abordagem conceitual, expondo o termo gênero, a importância do brincar e como acontece essa relação entre o gênero e o momento do brincar principalmente na sala de aula. No segundo momento, são apresentados os questionários realizados com estudantes de 4º e 5º anos do EF, ponderando suas preferências no momento de brincar e escolher os seus amigos e brinquedos. Ao final, os resultados e as interpretações dos questionários realizados são expressados, momento em que se sugerem soluções para os educadores refletirem como a sua postura e suas interferências são importantes nos momentos da brincadeira, já que não existe uma fórmula infalível para isso. Precisa-se, no entanto, compreender que na sua prática pedagógica diária pode-se desconstruir os estereótipos relacionados ao que cada gênero sexual pode usar para brincar ou não, sendo este, já, um primeiro passo.

1.1 O CAMINHO ATÉ AQUI

A brincadeira estimula a formação do laço social por meio da história contida nos jogos e brincadeiras e expressa pelos companheiros de jogo. Implica regras, permitindo a vivência dos limites, das referências, constituindo-se, por essa via, continente.
(FORTUNA, 2010, p. 114)

Ao iniciar o curso de Licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tem-se a disciplina de Jogo e Educação. Pela primeira vez é permitido ao discente o enfrentamento com o brincar e a sua importância no desenvolvimento infantil. Com o passar da disciplina, constroem-se novos conceitos e características que são levados futuramente para a sala de aula.

Com a disciplina, e através da professora Tânia Ramos Fortuna, a autora da presente pesquisa teve a grande oportunidade de conhecer o Programa de Extensão Universitária “Quem quer brincar”, da UFRGS, do qual fez parte e a ela possibilitou novas práticas e a certeza de que o brincar deve ser valorizado e visto com uma visão ainda mais aprofundada.

No decorrer do curso, o aprofundamento em várias outras áreas foi evidente, o que resultou num distanciamento dos estudos teóricos sobre o brincar. Entretanto, este aspecto fez-se presente nas práticas cotidianas, de alguma maneira. Nesse sentido, Brandão traz que

Qualquer pessoa que reflete sobre suas próprias experiências de cada dia e do fio de sua vida reconhece que, mesmo nas dimensões mais simples e mais cotidianas, algumas formas embrionárias do exercício da investigação estão presentes. Dentro, nos intervalos, e fora dos momentos o “ser professor”, ele está às voltas com as perguntas que se faz a partir de si mesmo e quando provocado por outras pessoas. (BRANDÃO, 2003, p. 73)

Atuando como auxiliar da Educação Infantil, foi possível observar e refletir sobre as inúmeras situações do dia a dia escolar e o quanto as questões de ser menino e menina influenciava no brincar das crianças. As meninas adoram princesas, brincar de boneca e de casinha, e os meninos, por sua vez, adoram ser super-heróis, lutar e matar todos os bandidos. Destas situações, surgiu a ideia do presente estudo, logo no início do curso.

Ao realizar o estágio final, com uma turma de 5^o ano, e fomentar as ideias que dariam corpo ao TCC, percebeu-se que esse tema poderia não fazer mais

sentido, afinal, sempre pensava-se nessa questão de as brincadeiras serem diferente para meninos e meninas na Educação Infantil, supondo que com as crianças, ou adolescentes, não haveria mais esses aspectos. Foi então que a surpresa ocorreu. Deparava-se, numa situação, com estudantes nos quais as questões de gênero estavam ainda mais salientes e com uma diferenciação bem clara e separada do que deveria ser “de menino” e o que era “de menina”. Isso se refletia, por exemplo, no momento do futebol, do vôlei, na formação de grupos, nas escolhas dos amigos e nas brincadeiras no pátio. Essas observações causaram inquietação e fizeram crescer a curiosidade sobre esse assunto.

Teve-se, portanto, a ideia clara de estudar e entender melhor essas questões, sendo a questão inicial a seguinte: será que isso é biológico ou construído pela sociedade? No trabalho, assim como o leitor, aprende-se e assimila-se todas as informações que são lidas, aprendendo na prática durante todos os dias das vivências escolares.

2 CONCEITUANDO GÊNERO

Gênero é uma palavra que pode englobar diversos significados e ter diversos sentidos. No entanto, o sentido que será utilizado aqui não aparece no dicionário, pois está unido à história contemporânea do movimento feminista, que começou a ser usada no Brasil no final dos anos de 1980. Não é sinônimo de macho e fêmea, como comumente é usado na sociedade.

A história do termo está diretamente ligada à valorização da mulher e à sua visibilidade em todas as esferas. O termo surgiu para denunciar a opressão e a submissão feminina. Andrade discorre que

as noções de homem e mulher, masculino e feminino são ativamente produzidas em uma determinada cultura, de acordo com o tempo histórico e com outros marcadoras como raça, classe, de um modo e não de outro. Tais construções se dão discursivamente na cultura e podem, em função disso, modificar-se ao longo do tempo, agregando lentamente novos valores, novos modos de ver, pensar e viver a relação entre homens e mulheres nos contextos sociais. (ANDRADE, 2017, p. 38)

Obviamente, não é de hoje que as mulheres, principalmente as das classes trabalhadoras, exercem funções fora de casa. Entretanto, elas quase sempre são controladas por homens, afirmação que vem sendo gradativamente rompida.

Em seu princípio, o termo era focado no estudo do caráter feminino. Porém agora, de forma bem clara, refere-se também ao masculino, estabelecendo que seja possível pensar de modo plural.

Louro (2014) menciona que o termo gênero, no princípio, era sinônimo de mulheres, porém, com o passar dos estudos, começou-se a notar que qualquer informação sobre as mulheres é necessariamente uma informação sobre os homens, que um implica no estudo do outro. O mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens, que é criado neste e por este mundo masculino, tornando-se uma única esfera. Não é um a oposição do outro, pelo contrário: é uma mistura. Um tem um pouco do outro. Não há um lugar fixo para cada gênero. O próprio termo não nega que se constitui sobre sujeitos que possuem um sexo, ou seja, não recusa a biologia, mas sublinha, deliberadamente, a construção social e histórica produzida sobre as características biológicas.

No decorrer dos anos, a criança recebe inúmeras influências do meio no qual está inserida. Além da influência familiar, a sociedade estabelece padrões e regras

desde o nascimento do ser humano, como cores, roupas, modo de se comportar e se relacionar. Molda como homens e mulheres devem ser. Louro (2014) ressalta que devemos entender o gênero como constituinte da identidade dos sujeitos. Nesse mesmo sentido, o autor propõe entender os sujeitos como tendo identidades plurais, múltiplas, com identidades que se transformam, não sendo estas fixas ou permanentes, podendo, até mesmo, serem contraditórias.

Louro (2014, p.29) coloca que “Os sujeitos vão se construindo como masculino ou feminino em suas relações sociais atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, deslocando de seus lugares sociais”. Com isso, faz-se necessário entender que as identidades são sempre construídas socialmente. Tudo é uma criação absolutamente social e elas nunca serão acabadas. É um processo constante e pode se modificar e se moldar ao longo da vida e ao longo da história pessoal de cada sujeito, sendo eles construídos enquanto masculino e feminino.

2.1 ESCOLA E CONSTRUÇÃO DE GÊNERO

Quando a professora fala para a turma, que contêm meninos e meninas: “todos podem guardar seus materiais”, o gênero masculino está presente. As meninas aprendem desde cedo que, mesmo utilizando-se o termo “todos” e não “todas”, elas também estão incluídas na fala. A fala vem mascarada com a justificativa de ser uma norma gramatical usada no plural e no masculino. O ocultamento do feminino não é de hoje, atravessa séculos dentro da sociedade e da escola.

Se a docente separa meninos e meninas, qual o impacto isso terá? Seres que muitas vezes estudaram na mesma escola, na mesma sala, com as mesmas educadoras, vão ter visões diferentes da vida e do universo em que vivem. Vão olhar o mundo vendo possibilidades muitas vezes diferentes. Para ilustrar essa afirmação, cita-se Finco, que declara que

É necessário ressaltar aqui que as preferências não são meras características oriundas da biologia do corpo, são construções sociais e históricas. Os brinquedos que são oferecidos para as crianças estão carregados de expectativas, de simbologias e de intenções” (FINCO, 2007, p. 114).

Meninos e meninas agrupam-se de forma distinta e isso é tido como natural. O modo de falar, andar, arrumar o material e formar um corpo escolarizado, aceitando que meninos são agitados, bagunceiros e curiosos, enquanto as meninas são calmas e caprichosas por natureza, distingue, desde sempre, esses dois gêneros.

A escola delimita espaços, fala qual o lugar dos sujeitos de uma maneira sutil e que muitas vezes acaba soando naturalmente. Percebe-se que as possibilidades dadas para um não serão disponibilizadas para o outro, e isso adentra nos corpos de uma forma tão tênue e, no fim, torna-se parte de quem eles são, fazendo com que disseminem essa prática. Obviamente, muitas vezes as crianças reagem a isso e têm respostas e se envolvem nessas aprendizagens. Entretanto, os sentidos são tão bem treinados que, às vezes, passa sem que sejam percebidos. Para complementar, Louro (2014, p. 89) coloca o seguinte:

Portanto, se admitimos que a escola não apenas transmite conhecimentos, nem mesmo apenas os produz, mas também *fabrica* sujeitos, produz identidades étnicas, de gênero, de classe; se reconhecemos que essas identidades estão sendo produzidas através de relações de desigualdade; se admitimos que a escola está intrinsecamente comprometida com a manutenção de uma sociedade dividida e que faz isso cotidianamente que a prática escolar é historicamente contingente e que é uma prática política, isto é, que se transforma e pode ser subvertida; e, por fim, se não nos sentimos conformes com essa divisões sociais, então, certamente, encontraremos justificativa não apenas para observar, mas especialmente para interferir na continuidade dessas desigualdades.

É necessário entender não apenas o que é dito, mas também o que acaba sendo silenciado, para poder mudar essa realidade:

ser conhecedora do conceito de gênero e dos modos como a escola se organiza como um espaço que tanto produz, quanto reproduz e constitui, arranja ou estabelece as experiências que os alunos e alunas, professores e professoras vivem nela, ajuda-nos a problematizar e pensar estratégias pedagógicas para romper ou modificar estes modos de se viver e experienciar a escola e as expressões de gênero. Ajuda-nos a romper com certas relações de poder e a produzir novos discursos sobre gênero e sexualidade (ANDRADE, 2017, p. 39).

No decorrer desse trabalho será exposto um pouco desse olhar sobre o que não é dito e tido como normal e de que forma o educador pode romper esses modos de ser homem e mulher.

3 VAMOS BRINCAR? A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Brincamos ou jogamos para dominar angústias e controlar impulsos, assimilando emoções e sensações, para tirar as provas do eu, estabelecer contatos sociais, compreender o meio, satisfazer desejos, desenvolver habilidades, conhecimentos e criatividade. (FORTUNA, 2004, p. 50)

Quando eu¹ era criança, a minha brincadeira preferida era “escolinha”. Eu convidava o meu primo mais novo para brincar, passava atividades (muitas vezes de matemática) e as corrigia, colocando bem grande a nota na folha. Fazia um boletim, com o seu nome completo e todas as atividades e notas do dia. Porém, no que entendemos por vida real, eu não gostava de ir para a escola e normalmente não ia bem nas tarefas avaliativas. Com ele eu podia ser diferente. Na minha brincadeira, a escola tinha graça, pois era eu quem a controlava.

O brincar é considerado uma atividade natural dos sujeitos e é dominante na infância. Os bebês, independentemente da classe, da cor e do sexo, aprendem a brincar logo nos primeiros meses: “É no brincar, e talvez apenas no brincar, que a criança ou o adulto fruem sua liberdade de criação” (WINNICOTT, 1971). Por meio da exploração e das experiências vividas na brincadeira é possível interagir consigo mesmo e com o mundo à nossa volta. Surgem possibilidades de novas aprendizagens e de novas criações. Nesse sentido, Fortuna ressalta que

Na brincadeira somos exatamente quem somos e, ao mesmo tempo, todas as possibilidades de ser estão nela contidas. Ao brincar exercemos o direito à diferença e a sermos aceitos mesmo diferentes, ou melhor, a sermos por isso mesmo. Como brincar associa pensamento e ação, é comunicação e expressão, transforma e se transforma continuamente, é um meio de aprender a viver e de proclamar a vida. Um direito que deve ser assegurado a todos os cidadãos ao longo da vida, enquanto restar, dentro do homem, a criança que ele foi um dia, e enquanto a vida pulsar. Quem vive, brinca. (FORTUNA, 2010, p. 109)

No brincar transita-se o tempo todo do real para o imaginário. Vivem-se situações que não seriam possíveis, pelo menos na maioria das vezes, na vida real: matam-se dragões, pula-se de pontes, casa-se, matam-se os nossos piores

¹ Será feito uso da 1ª pessoa do singular, o que não é comum em trabalhos acadêmicos, em função de um relato pessoal da autora, considerado importante para a pesquisa.

inimigos. A criança torna-se a dona da situação e aprende brincando com a fantasia. Ela revela sentimentos e percepções sobre o seu mundo:

Ao propiciar a vivência de sentimentos como inveja, rivalidade, ciúmes e raiva em relação aos seus companheiros, no jogo tornados adversários, ela enseja a oportunidade de aprender a regulá-los, enfrentando a frustração. E, mesmo quando a competição se exacerba, a cooperação ainda predomina, proporcionando o aprimoramento da relação interindividual mediante a solidariedade que lhe é intrínseca. (FORTUNA, 2010, p. 111)

A escola é uma das responsáveis por influenciar o brincar e, mesmo com todos esses fatos, ainda há muitas pessoas que o subestimam, fazendo com que as crianças fiquem nas salas de aula quietas sem se movimentar, censurando manifestações espontâneas. Acreditam que o brincar é apenas um passatempo infantil sem funções.

3.1 RELAÇÕES ENTRE O GÊNERO E O BRINCAR

“Aprende-se a brincar” (BROUGÈRE, 2010, p. 104).

Brougère explica que “o brinquedo é dotado de um forte valor cultural, se definirmos a cultura como um conjunto de significações produzidas pelo homem. Percebemos que ele é rico de significados que permitem compreender determinada sociedade e cultura” (2010, p. 8). Sabe-se que desde o nascimento as crianças vêm sendo adaptadas para se tornarem meninos e meninas, seguindo o padrão cultural de cada sexo. Os brinquedos são, portanto, um dos fatores que dividem o que é ser menino e o que é ser menina. Essa separação é aplicada de uma forma tão rotineira que muitas vezes torna-se comum aos olhos. O universo infantil é construído de forma segregada e acaba afirmando padrões que a sociedade há anos continua produzindo e dizendo que é certo e errado para cada sexo. Ao ingressarem na escola isso não se mostra diferente:

É preciso, efetivamente, romper com o mito da brincadeira natural. A criança está inserida, desde o seu nascimento, num contexto social e seus comportamentos estão impregnados por essa imersão inevitável. Não existe na criança uma brincadeira natural. A brincadeira é um processo de relações interindividuais, portanto de cultura. (BROUGÈRE, 2010, p.104)

Essa afirmação de Brougère só traz, ainda mais forte, a ideia de que a brincadeira é uma construção social. A menina não nasce sendo mais calma e querendo ser dona de casa, cuidando dos filhos. O menino não nasce mais agitado, querendo ter carros e brincar de super-heróis. Tudo é uma construção cultural e a criança procura uma referência nos adultos quando brinca de médico, de professora, de mecânico, de jogador de futebol. Olhando para os papéis pré-determinados infantis, encontra-se que

o universo feminino parece ficar junto da família e do cotidiano, enquanto o do menino, que começa, sem dúvida com a miniatura do automóvel, traduz a vocação para a descoberta dos espaços longínquos, escapando do peso do cotidiano. Qualquer que seja, o brinquedo vai propor a criança uma imagem que exalta o adulto, cujos traços e atividades o transformam num personagem que merece interesse. (BROUGÈRE, 2010, p. 21)

A cultura cultivada em casa pelos pais e familiares segue assim na escola e se intensifica. Meninos usam azul, meninas cor de rosa. Meninos sentam longe das meninas. Os alunos começam a criar amizade somente com crianças do mesmo sexo. Fila, mesas, cores, brincadeira, materiais. Começa uma separação sutil, tão rotineira que é vista como normal e é reproduzida. Observa-se que “de formas diferentes e engendradas por uma complexa rede de poder, o processo de formação de gênero está encerrado nos discursos e nas práticas representativas das instituições” (MATTIODA, 2007, p. 01).

Nas vivências da autora em escolas, como auxiliar de turma e nas práticas pessoais, notou-se que em diversas ocasiões houve uma inversão de papéis. Os meninos brincavam com as bonecas e as panelinhas, ou usavam fantasias de princesas consideradas de meninas, e as meninas brincavam com as pistas e os carrinhos de corrida, ou jogavam futebol, pois se entregaram à brincadeira. Com isso, percebe-se que os lugares pré-definidos, como sendo masculinos ou femininos, também podem ser mudados e reinventados. Podem surgir, a todo o instante, novas possibilidades e novas formas de brincar.

Discorre-se muitas vezes sobre o papel do adulto na formação brincante da criança, porém Garvey observa que “tampouco há qualquer dúvida de que as crianças são, de bom grado, coconspiradoras na construção de atitudes e comportamentos complexos da identidade do gênero e dos padrões da estereotipagem do sexo” (GARVEY, 2015, p. 247). Ela revela que as crianças

possuem rituais, acordos, combinações nas quais afirmam a sua própria identidade de gênero nos grupos de somente um sexo, perpetuando estereótipos aceitos.

4 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-
fazeres encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino, continuo
buscando, reprocuro. Ensino porque busco, porque indaguei,
porque indago e me indago. Pesquiso para constatar e, constatando,
intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o
que ainda não conheço e comunicar a novidade.
(FREIRE, 1997, p. 32)

Desde o princípio o intuito era realizar uma pesquisa em que fosse possível identificar uma interação entre a teoria estudada na graduação e a prática docente, aliando-a a ideologias pessoais, Campos nos traz que “a presença da criança em pesquisa não é nova. O que talvez possa ser considerada como tendência recente seja o debate sobre a condição em que a criança toma parte na investigação científica.” (CAMPOS, 2008, p.35,36). Por este motivo, faz-se, aqui, um questionário com 35 crianças/adolescentes de 9 a 17 anos de idade de uma escola da rede estadual da cidade de Viamão/RS com o objetivo de descobrir qual a visão deles sobre o brincar e os brinquedos em casa e na escola. Andrade aborda que nos dias atuais um professor “necessita de outras e novas habilidades como a de pesquisador/a, por exemplo, para desenvolver de modo mais adequado o seu trabalho” (2017, p. 35).

Ao preparar o questionário, a dúvida sobre o que realmente era relevante saber, e como avaliar isso tão somente com um questionário, surgia. Quais seriam as perguntas certas a fazer? Nesse sentido, é correto dizer que

O processo de elaboração é longo e complexo: exige cuidado na
seleção das questões, levando em consideração a sua importância,
isto é, se oferece condições para a obtenção de informações válidas.
Os temas escolhidos devem estar de acordo com os objetivos gerais e
específicos. (MARCONI; LAKATOS, 2006, p. 99).

Ao escolher a escola e a turma para realizar o questionário, conversou-se com a professora do 5º ano, que disse que o questionário até poderia ser feito com a turma dela, mas achava que eles eram carentes e não tinham brinquedos em casa, sendo assim, não iriam conseguir responder às perguntas. Entretanto, em diálogos com a docente, foi explicado que mesmo sem brinquedos a turma brinca e não é preciso brinquedos comprados para isso, então não haveria problema algum.

Questionamentos julgados pertinentes à pesquisa foram realizados. Após, deliberou-se a realização de um questionário com uma turma de 4º ano, com 18 alunos, e outra de 5º ano, com 18. Ao entrar na primeira turma (5º ano), fui² recebida muito bem. Todos estavam curiosos com a minha presença. Deparei-me com jovens que, por muitas vezes, me diziam não brincar mais, pois o brincar seria brincar de boneca, carrinho, e que isso era considerada uma ação infantil, de criança pequena. Porém, ao perguntar “Quem aí joga futebol ou vôlei no recreio?”, a maior parte da turma levantou a mão. Após esse primeiro momento, já se pode observar o quanto o brincar é desvalorizado até mesmo pelos brincantes.

Ao ingressar nas turmas, o objetivo era que eles entendessem sobre o que estava sendo pesquisado. No entanto, isso não seria falado a ponto de influenciar o que seria colocado em seguida no papel, já que não se pretende que eles escrevam o que a autora gostaria de ler “a depender do objeto de investigação, a condição de poder do pesquisador se reveste de particularidades, assumindo certa feição caso trate de investigação no domínio cognitivo, afetivo, social, por exemplo” (FRANCISCHINI E CAMPOS, 2008, p.105,106).

“do lugar da criança observa-se a condição de quem cria uma expectativa ante a possibilidade de ter seu desempenho avaliado em termos de certo ou errado. Tomando como certo que essa situação tem repercussões no resultado da pesquisa, cabe ao pesquisador desenvolver estratégias para minimizar tais efeitos.” do lugar da criança observa-se a condição de quem cria uma expectativa ante a possibilidade de ter seu desempenho avaliado em termos de certo ou errado. Tomando como certo que essa situação tem repercussões no resultado da pesquisa, cabe ao pesquisador desenvolver estratégias para minimizar tais efeitos.” FRANCISCHINI E CAMPOS, 2008, p.106)

Posto isso, sabia que deveria apresentar-me e explicar o trabalho sucintamente, para não influenciar nos resultados da minha pesquisa. Essa tarefa não foi fácil, pois ao falar, apenas, o título do que se estava estudando já surgiram milhares de perguntas e, ao respondê-las, pistas eram dadas sobre o que se acredita ser correto ou não. Ao final de todo esse processo, descobri, em mim, a pesquisadora: ao confeccionar o questionário, ao escolher as turmas, ao entrar nas turmas para a realização dos questionamentos e ao analisar os dados relevantes.

² Aqui também será feito uso da 1ª pessoa do singular, o que é justificado por motivo próximo ao anterior.

Para tanto, seguindo a lógica proposta até então, a pesquisa visou fazer uma breve revisão bibliográfica das relações sobre gênero e brincadeira, coletando dados por meio de um questionário com respostas abertas, analisando a relação de gênero, principalmente no ambiente escolar, e procurando pesquisar as discussões sobre as brincadeiras entre meninos e meninas.

Sem pretender extrair dos percentuais de frequência das respostas índices exatos, tampouco certezas, a pesquisa, de caráter qualitativo, permitiu estabelecer hipóteses e interpretar, de forma exploratória, os dados coligidos.

4.1 COMPOSIÇÃO DO GRUPO

O questionário foi aplicado em duas turmas de um colégio estadual no centro da cidade de Viamão/RS, no turno da tarde, no dia 18 de outubro de 2017. O primeiro grupo é um 4º ano que possui 18 alunos, e destes 10 são meninos e 8 meninas; eles possuem idades entre 9 e 13 anos.

O segundo grupo é um 5º ano, que também possui 18 alunos, sendo 7 meninos e 11 meninas. Eles têm idades entre 10 e 17 anos, possuindo um aluno de inclusão.

O questionário foi aplicado em dois grupos diferentes, mas será analisado sem distinção de turma ou idade, mas sim por meninos e meninas.

4.2 QUESTIONÁRIO

O questionário visou buscar dados a partir da opinião dos educandos sobre questões relacionadas a gênero e a preferências na hora de brincar, de escolher seus brinquedos e seus amigos. Assim, foram realizadas questões que estão presentes na rotina diária das crianças. Ponderou-se sobre a análise dessas informações, que se tornaria mais compreensível se as entrevistas fossem divididas por perguntas, já que, deste modo, seria possível ressaltar as maiores ocorrências.

O questionário foi dividido em dois momentos. Primeiro, foram feitas perguntas em que os entrevistados poderiam escrever suas respostas livremente. Num segundo momento, eles dariam respostas objetivas quanto ao gênero da

criança que poderia brincar com o brinquedo apresentado nas imagens³. As imagens presentes no questionário foram colocadas em preto e branco para não influenciar os pesquisados a responderem de acordo com a cor do objeto.

Como dito anteriormente, o questionário foi aplicado em duas turmas de uma escola da rede estadual de ensino. Ambas ocorreram na tarde do dia 18 de outubro de 2017 e contaram com a presença das professoras titulares, que não interferiram na pesquisa.

A primeira turma foi um 5º ano, que me esperou no início da tarde. Inquietos e curiosos, os alunos queriam muito saber o motivo da minha visita. Quando expliquei que iria realizar um questionário, ficaram apreensivos e todos perguntavam, ao mesmo tempo, se seria difícil e se eu iria avaliá-los. Expliquei que não se tratava de uma avaliação e que as respostas para as perguntas não necessitavam de conhecimentos específicos. À medida que lia as perguntas com eles notava que, a todo instante, queriam saber se estavam respondendo “certo”. Foi quando notei o quanto, como escola e como educadores, cobramos e esperamos que as ações saiam do nosso modo.

Na segunda turma, o 4º ano, cheguei no meio da tarde, um pouco antes do recreio. Eles me receberam mais tranquilos do que a primeira turma. Expliquei como funcionaria o questionário e, em seguida, li pergunta por pergunta, tentando tornar a compreensão deles a mais clara possível. Eu já estava me sentindo mais preparada e expliquei de forma muito mais calma e tranquila. Acredito que a turma tenha sentido isso e reagiu ao questionário com mais naturalidade.

³ O modelo de questionário aplicado estará presente no apêndice 1 deste trabalho.

5 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS OBTIDOS

A partir dos questionários aplicados às crianças pode-se obter muitos dados importantes para a pesquisa. As respostas obtidas contribuíram para o enriquecimento do trabalho.

Dito isso, realizou-se uma análise das respostas dadas pelos educandos a partir das perguntas realizadas. Para melhor compreensão e maior exatidão na análise, esta seção estará dividida em perguntas. Deste modo, pode-se ressaltar item por item, frisando e analisando as ocorrências mais frequentes.

Como dito na seção anterior, a análise dos questionários foi dividida em dois grupos. Num primeiro momento, as respostas dissertativas dadas pelos entrevistados foram analisadas, o que será chamado de parte 1. Logo, comenta-se sobre as respostas de cunho objetivo, o que será chamado de parte 2. Nestas respostas estarão presentes gráficos, que deixarão mais claras as ocorrências e que auxiliarão no momento de fazer o estudo.

5.1 QUESTIONÁRIO PARTE 1

A parte 1 do questionário é composta pela análise das perguntas feitas aos estudantes. Vale lembrar que estas eram livres e eles podiam escrever o que queriam. A seguir, portanto, seguem as perguntas e as respostas, ponderando as maiores ocorrências.

5.1.1 Conte quais as brincadeiras que você mais gosta de brincar em casa

Na primeira pergunta feita às crianças, sobre quais as brincadeiras que mais gostam de brincar em casa, obteve-se muitas variações de respostas. No entanto, há respostas que apareceram diversas vezes.

Para os meninos, as brincadeiras preferidas foram jogar futebol, jogar videogame, andar de bicicleta e brincar de carrinho. Já para as meninas, as principais ocorrências foram brincar de boneca, pega-pega e andar de bicicleta.

Outras respostas que não se pode desconsiderar são: esconde-esconde, jogar futebol e brincar no celular/tablet.

Sabe-se que meninos e meninas tendem a brincar com utensílios, e de formas, diferentes e isso ficou nítido nas respostas, como o futebol e o brincar de carrinho, que é tido como típico de meninos, assim como brincar de boneca é característico das meninas. Lombardi ressalta que “no Brasil, observa-se que alguns (poucos) fabricantes de brinquedos vêm modificando essa tendência apresentando, por exemplo, bicicletas *cross* e barracas de acampamento também para meninas, geralmente identificadas com a cor de rosa” (2016, p. 180). Isso mostra que, principalmente, a indústria de brinquedos não está interessada em anular estereótipos, e quando o faz coloca a cor rosa, que nada mais faz do que continuar insistindo nos padrões.

5.1.2 Escreva quais brincadeiras você mais gosta de brincar na escola

Foi perguntado às crianças do que mais gostavam de brincar na escola. As respostas dos meninos giraram em praticamente três brincadeiras: jogar futebol, polícia e ladrão e pega-pega. As preferências entre as meninas foram: pega-pega, jogar futebol e esconde-esconde. Também foram bastante citados o brincar na pracinha, o polícia e ladrão e o jogar vôlei.

Observou-se que os gostos não são os mesmos entre meninos e meninas. Falamos muitas vezes sobre o papel do adulto, mas, como mencionado ao citar Garvey (2015), as crianças também conspiram na construção de comportamentos e na formação dos estereótipos de cada sexo nas suas brincadeiras, estando cientes disso. Como, por exemplo, quando competem entre si ou brincam de pega-pega e meninos pegam as meninas ou vice-versa, ou quando um grupo invade o espaço do outro, entre outras situações.

5.1.3 Com quais brinquedos você mais gosta de brincar?

A pergunta questionava sobre com qual brinquedo a criança mais gosta de brincar. Os meninos responderam que gostam de brincar com carrinhos e com bola.

Também apareceu, com menos destaque, que gostam de brincar com bonecos e com bicicleta. Nas respostas das meninas apareceu muito forte a presença das bonecas e, em segundo lugar, também a bola como brinquedo favorito.

Nesse sentido, relembra-se o que foi dito por Brougère, que afirma que “o universo feminino parece ficar junto da família e do cotidiano, enquanto o do menino, que começa sem dúvida, com a miniatura do automóvel, traduz a vocação para a descoberta dos espaços longínquos, escapando do peso do cotidiano” (2010, p. 21).

5.1.4 Com quem você costuma brincar em casa e na escola?

Quando pedido para responder com quem costumam brincar em casa e na escola, o que mais chamou a atenção foi que quase todos os pesquisados responderam que costumam brincar em casa com algum membro da família, como a mãe, o pai, os irmãos ou os primos. Garvey considera que

A familiaridade é sem dúvida uma influência importante na qualidade e quantidade de brincadeiras infantis. Na maior parte das vezes, as crianças preferem brincar com aqueles que conhecem e parecem ser capazes de conseguir episódios lúdicos mais envolventes e mais bem-sucedidos com colegas e familiares do que estranhos. (GARVEY, 2015, p. 257)

Já na escola, os meninos costumam brincar mais com os meninos e as meninas também entre elas. Sobre esse dado, Garvey relata que

Interações mistas, mesmo amizades, durante o período pré-escolar e nos primeiros anos da vida escolar não são comuns, embora seja mais provável que elas sejam encontradas em pequenos grupos de bairros. Na maior parte dos casos, no entanto, meninas brincam com meninas e meninos com meninos, especialmente no ambiente escolar. (GARVEY, 2015, p. 246)

Ela também salienta que isso “garante o cumprimento das normas locais, provocando, ridicularizando e até rejeitando a criança que deixa de aceitá-las” (GARVEY, 2015, p. 246). Então, as crianças que se arriscam brincando em um ambiente que não é considerado para o seu sexo pode sofrer uma desaprovação do grupo e até mesmo dos educadores.

5.1.5 Cor favorita

As cores mais citadas pelos meninos foram azul e vermelho, e pelas meninas o roxo e o cor de rosa. Também foram mencionadas por elas a cor azul.

As cores são tão protótipos quanto os brinquedos. Quando junta-se os dois isso se intensifica ainda mais. É inaceitável pelos familiares um menino brincar com um carrinho cor de rosa ou lilás.

A sociedade, e principalmente a mídia, estipula que meninas devem usar a cor rosa e os meninos devem preferir a cor azul, atribuindo padrões culturais a uma criança que poderia gostar de qualquer cor, pois isso não determinaria a personalidade dela. Brougère define que assim como o material do objeto traz informações e significados sobre ele, “a cor torna-se um código (por exemplo, através do uso das cores pastel, ou da escolha de cores culturalmente associada às meninas ou aos meninos) e, por conseguinte, meio de significação” (BROUGÈRE, 2010, p. 43).

5.1.6 Quem são seus melhores amigos/amigas?

Ao perguntar sobre quem são os melhores amigos dos pesquisados, assim como quando perguntado sobre com quem costumam brincar, aparece que os meninos têm melhores amigos do mesmo sexo, assim como as meninas têm amigas meninas. Garvey sublima, no mesmo sentido, que isso é normal e que “As crianças geralmente brincam em grupos do mesmo sexo, na infância “um melhor amigo” é normalmente do mesmo sexo, e aqueles que têm colegas tendem a criá-los a sua própria imagem” (GARVEY, 2015, p. 245).

5.1.7 O que, para você, é brinquedo de menina?

Quando perguntado para os meninos o que é, para eles, brinquedo de menina, apareceu em quase todas as respostas a boneca. Também apareceram os utensílios domésticos usados para brincar de casinha e panelinha. Quando as meninas responderam o que, para elas, é um brinquedo de menina, assim como na

resposta dos meninos, apareceu a boneca e os utensílios domésticos. Apareceu, também, a bola como brinquedo de menina.

Podemos notar, em ambas as respostas, aquilo que é padrão na sociedade: as meninas com o papel bem definido, com brinquedos passivos, cuidando do seu bebê e utilizando os utensílios que compõem uma casa ao espaço do lar. Ou seja, socialmente falando, essas são as mulheres que já são treinadas desde cedo para assumirem um lar e as suas responsabilidades.

Em encontro a isso, Tap e Zaouche-Gaudron (apud, AZEVEDO, 2016) concluíram que os brinquedos atribuídos às meninas são limitados em número e, sobretudo, se restringem ao campo das atividades maternas (boneca, bebê, berço) e ao campo doméstico (refeições, costura, mobílias).

5.1.8 O que, para você, é brinquedo de menino?

Os meninos, ao responderem à pergunta do que é brinquedo de menino, quase que unanimemente responderam a bola, os carrinhos e os bonecos. Quando perguntado o mesmo para as meninas, as respostas foram: carrinho, bola e boneco. Também surgiu como resposta o videogame.

Em relação aos brinquedos de meninos, Tap e Zaouche-Gaudron (apud, AZEVEDO, 2016) salientam que os brinquedos considerados masculinos são muito mais numerosos e centrados em atividades mais diversificadas, ligadas à agressividade, ao movimento, à aventura e à mecânica. Assim como nos dados encontrados no questionário, os meninos são possuidores de mais liberdade e movimento.

5.1.9 O que você acha sobre existir a diferença entre brinquedo de menino e brinquedo de menina?

A pergunta "O que você acha sobre existir a diferença entre brinquedo de menino e brinquedo de menina?" foi a última da primeira parte do questionário. Ela foi surpreendente. Fora uma pequena minoria que respondeu "achar normal" ou

“certo” existir essa diferença, a grande parte considerou algo “ruim”, “ridículo”, “preconceituoso e machista”.

Essa maioria afirmou não existir nenhuma diferença entre brinquedos de menino e de menina, e que cada um pode brincar com o que quiser, não podendo existir diferenças. Salientaram que meninos não vão deixar de ser meninos por brincarem com itens considerados femininos e meninas não vão deixar de ser meninas brincando com objetos considerados masculinos, pois todos os brinquedos são iguais e que isso vai fazer com que todos sejam ainda mais amigos. Além disso, teve um menino que respondeu que brinca de boneca e a irmã gosta de brincar com dinossauros, confirmando a ideia de que todos podem brincar de tudo. Nessas respostas, percebe-se que as crianças estão buscando modificar o olhar em relação a essas diferenças socialmente construídas.

Também surgiram respostas como “nada contra, cada um tem o seu lado”, e também “nenhuma, mas eu não brinco com brinquedos de menina”. Isso nos mostra, também, as particularidades de cada um e como existe um tabu sobre o assunto, pois mesmo acreditando não existir diferença, não se sentem à vontade para brincar com brinquedos considerados do sexo oposto.

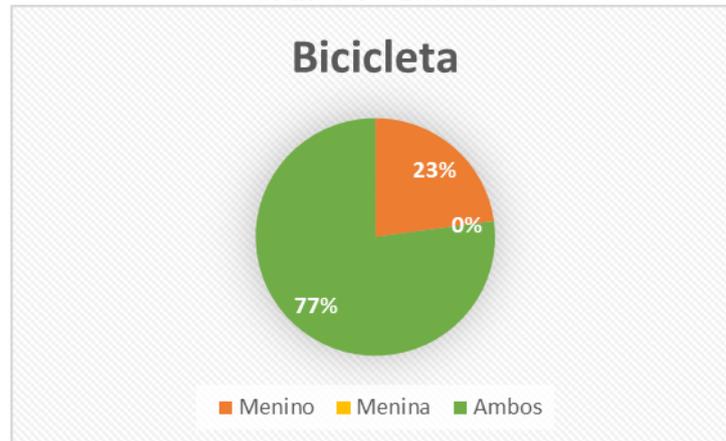
Mesmo a grande parte das crianças contestando não existir diferença, quando perguntado com o que brincam e do que brincam, a resposta normalmente é estereotipada. Eles sabem que o discurso correto é não haver diferenças, porém isso acontecer, na prática, é um passo muito maior.

5.2 QUESTIONÁRIO PARTE 2

Na parte 2 do questionário, foram dadas para os sujeitos da pesquisa imagens de brinquedos e pedido para que escrevessem se consideravam que aquele item era um brinquedo de menino, de menina ou de ambos. A seguir serão apresentados os resultados, juntamente com as análises. Como já foi explicado anteriormente, todas as imagens estavam em preto e branco para não influenciar os pesquisados a responderem de acordo com a cor do objeto.

5.2.1 Bicicleta

Gráfico 1 – Bicicleta



Fonte: dados da pesquisa.

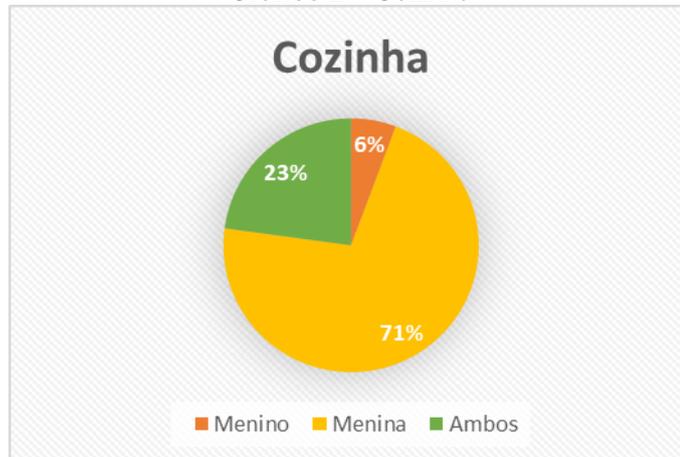
A primeira imagem apresentada aos educandos foi a de uma bicicleta. Dos 35 alunos que responderam ao questionário, 77% acredita que esse brinquedo é tanto de meninos quanto de meninas e 23% respondeu que esse é um brinquedo de uso exclusivo dos meninos.

A bicicleta é um objeto que gera liberdade, correria e movimento, o que geralmente é associado ao sexo masculino. Talvez por este motivo, 23% tenha respondido que era de uso masculino.

Entretanto, com esses dados pode-se observar que a maior parte das crianças entende que todos podem brincar com uma bicicleta. Isso pode ocorrer por diversos motivos, como o fato de desde cedo os pais e familiares não fazerem distinção e incentivarem o uso da bicicleta para ambos os sexos.

5.2.2 Cozinha de brinquedo

Gráfico 2 – Cozinha



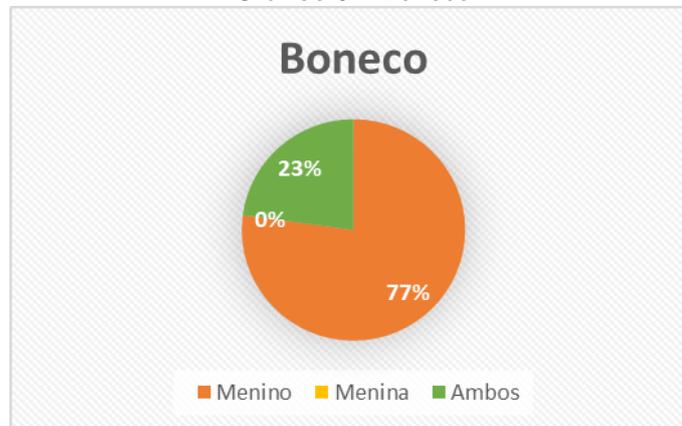
Fonte: dados da pesquisa.

A segunda imagem apresentada foi de uma minicozinha de brinquedo. Nesse item, 71% dos sujeitos respondeu ser esse um brinquedo de menina e 23% acredita ser de ambos os sexos, sendo que 6% respondeu que é um brinquedo de menino.

A cozinha ter sido considerada por grande parte dos colegiais um item feminino vai a favor do que a maior parte da sociedade considera natural: mulheres brincando com objetos voltados para o ambiente doméstico. Maccoby (1988), nesse sentido, salienta que “os meninos tendem a ser mais tipificados do que as meninas, mais propensos a evitar ‘atividades de menina’” (apud, CARVALHO, 1993, p. 30). Isso significa que é mais fácil encontrar meninas quebrando a barreira e brincando com brinquedos de meninos do que a situação inversa. Todavia, pode-se notar que já existem barreiras sendo quebradas, tendo uma porcentagem considerável que crê que esse brinquedo pode ser tanto de meninos quanto de meninas.

5.2.3 Boneco

Gráfico 3 – Boneco



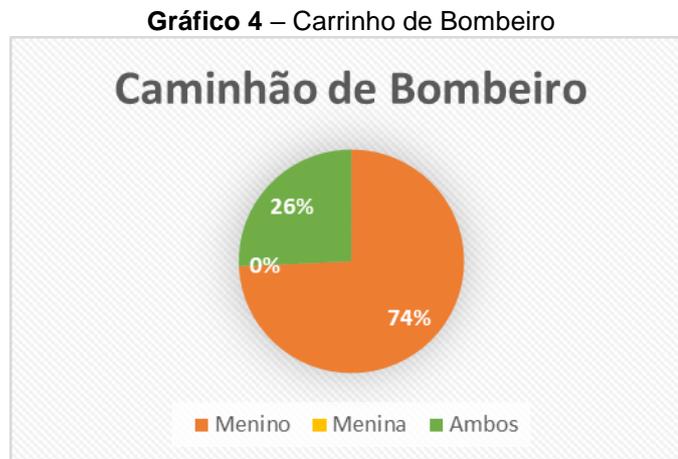
Fonte: dados da pesquisa.

A imagem apresentava o boneco de um super-herói. 77% considera esse brinquedo de menino, 23% acredita ser de ambos e ninguém colocou que esse brinquedo é feminino.

O fato de o boneco ter uma porcentagem alta para o sexo masculino está principalmente ligado à circunstância de se tratar de um super-herói, com sua força, imortalidade e velocidade, isto é, algo que está diretamente ligado ao imaginário e estereotipado cotidiano masculino. O boneco do super-herói, neste caso o do Hulk, traz à tona outro fator que influencia na brincadeira: a televisão. Esse boneco foi trazido pela televisão e virou um ícone masculino: “Inúmeros fabricantes produzem, atualmente, brinquedos que representam os personagens dos desenhos animados” (BROUGÈRE, 2010, p. 59).

Teve, ainda, um número considerável de respondentes que acredita que esse pode ser um brinquedo de ambos os sexos.

5.2.4 Carrinho de Bombeiro



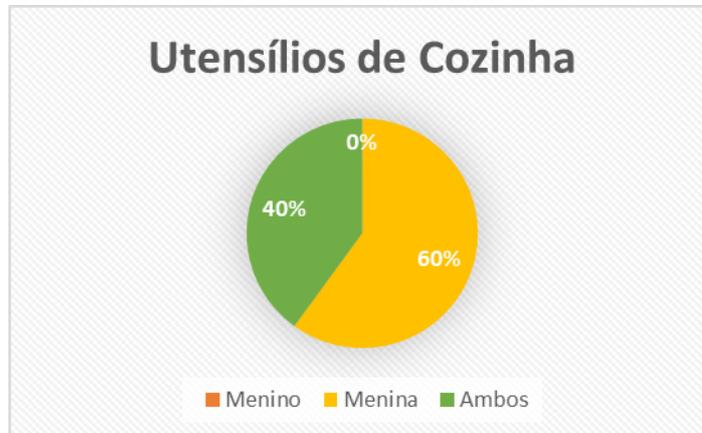
A quarta imagem apresentava um caminhão de bombeiros. Dos estudantes, 74% disse que esse é um brinquedo de menino, 26% que é um brinquedo de ambos os sexos e ninguém falou ser um brinquedo de meninas: “é possível perceber como os brinquedos são dispositivos que participam da construção de identidades infantis, produzindo e reproduzindo determinados comportamentos que demarcam uma fronteira entre os sexos” (FINCO, 2007, p. 100).

O caminhão de bombeiros também é um objeto que está diretamente ligado ao perigo, ao ser herói e ao viver livremente, características que estão mais ligadas aos meninos. Por este motivo, há uma porcentagem tão alta relacionando-o ao sexo masculino.

Assim como nos outros brinquedos, vem crescendo o número de estudantes que acreditam ser um objeto de ambos os sexos.

5.2.5 Utensílios de Cozinha

Gráfico 5 – Utensílios de Cozinha



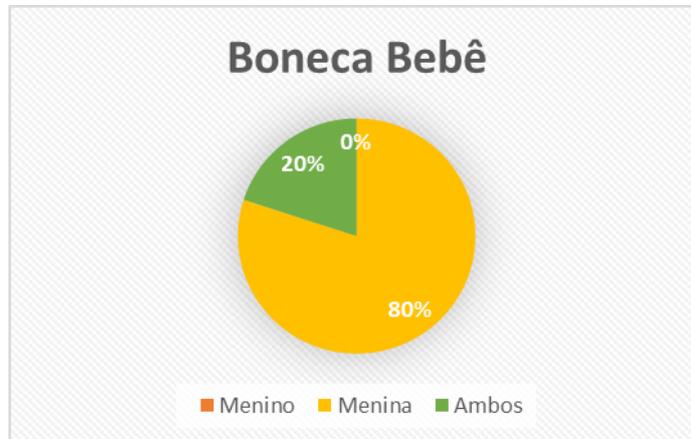
Na imagem que apresentava utensílios de cozinha de brinquedo, 60% respondeu que era um item feminino e 40% que era um brinquedo de meninos e meninas. Assim como na minicozinha de brinquedo, os utensílios também aparecem sendo um brinquedo de meninas, por serem considerados itens domésticos, do cuidado com a casa.

O que chamou a atenção foi o percentual de 40% acreditando que esse é um objeto de ambos os sexos, já demonstrando, talvez, o reflexo de que homens também realizam as tarefas da casa e utilizam esses utensílios.

O fato de a porcentagem ter sido tão alta para ambos os sexos pode assinalar aspectos sobre os arranjos domésticos nos quais as crianças estão inseridas, em que tanto homens quanto mulheres participam ativamente.

5.2.6 Boneca Bebê

Gráfico 6 – Boneca Bebê



Fonte: dados da pesquisa.

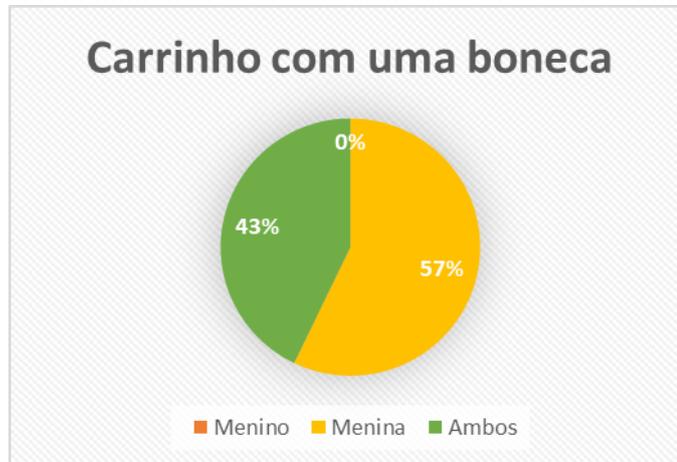
A boneca bebê foi a imagem seguinte no questionário. Esse objeto, sem dúvida, é o mais associado ao sexo feminino pela sociedade. No questionário não foi diferente, pois 80% respondeu que é um brinquedo de menina e apenas 20% que é um brinquedo de ambos os sexos. Nenhuma das crianças respondeu que era um brinquedo de menino, o que corrobora com o que foi dito anteriormente.

Paralelamente a tais noções, Brougère observa que

um bebê, uma boneca bebê desperta atos de carinho, de troca de roupa, de dar banho e o conjunto ligado a maternagem; há uma representação que convida a essa atividade num fundo de significações (bebê) dada ao objeto num meio social de referência. (BROUGÈRE, 2010, p. 16)

5.2.7 Carrinho com uma boneca

Gráfico 7 – Carrinho com uma boneca



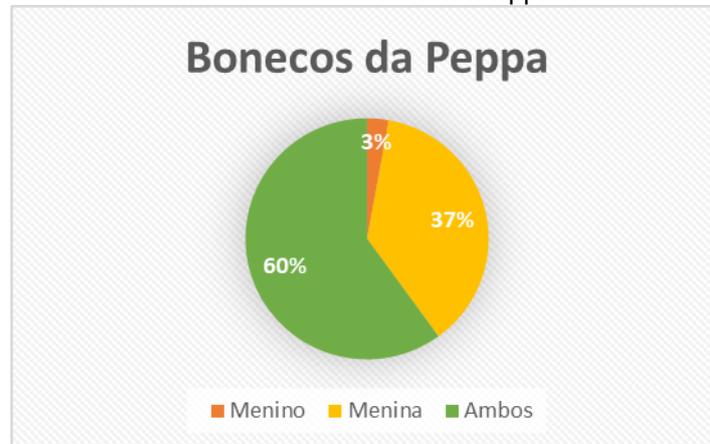
A sétima imagem mostrada no questionário era de um carrinho de brinquedo, porém com uma boneca dentro.

Mesmo sendo um carro, normalmente considerado um item masculino, a maioria dos educandos (57%) respondeu que é um item de menina, possivelmente por conter uma boneca/mulher no volante. A imagem possui um caráter problematizador por borrar as características de gênero do brinquedo: carrinho, habitualmente associado ao gênero masculino, mas a boneca é habitualmente associada ao gênero feminino.

Uma porcentagem de 43% acredita ser esse um brinquedo de ambos os sexos, porém ninguém respondeu ser um objeto masculino.

5.2.8 Bonecos da Peppa

Gráfico 8 – Bonecos da Peppa



Fonte: dados da pesquisa.

A imagem de uma família de brinquedos da Peppa no supermercado foi um brinquedo que teve considerável porcentagem em ambos os sexos. Dos entrevistados, 60% acredita se tratar de um brinquedo de ambos os sexos, 37% um brinquedo de meninas e 3% como um brinquedo de menino. A resposta de “ambos os sexos” ser majoritária deve-se, possivelmente, à faixa etária destinatária do desenho animado Peppa, em que os estereótipos de gênero são menos difundidos.

Os bonecos da Peppa são considerados como outro exemplo de brinquedo que usa a imagem da televisão para viralizar. Brougère, nesse sentido, discursa que “a televisão tornou-se fornecedora essencial, senão exclusiva, dos suportes de brincadeira, o que só pode reforçar sua presença junto a criança” (BROUGÈRE, 2010, p. 57-58), e sua colocação só reforça o sucesso que os bonecos da Peppa fazem.

5.2.9 Escorregador

Gráfico 9 – Escorregador



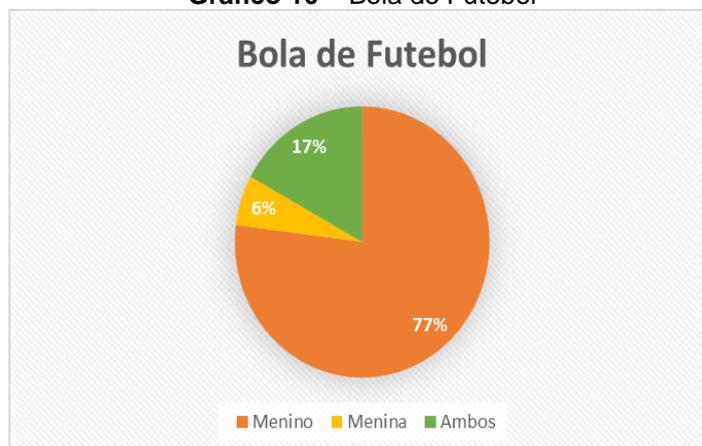
Fonte: dados da pesquisa.

O escorregador foi o objeto mostrado no questionário que mais foi considerado de ambos os sexos (86%), sendo que somente 11% acredita se tratar de um brinquedo masculino e 3% pensa que se trata de um brinquedo feminino.

Isso se deve ao fato de, desde cedo, os alunos frequentarem juntos as pracinhas das escolas, parques e praças, ou seja, ambientes ao ar livre, convivendo de forma natural e sem distinção, diferentemente do que acontece dentro da sala de aula.

5.2.10 Bola de Futebol

Gráfico 10 – Bola de Futebol



Fonte: dados da pesquisa.

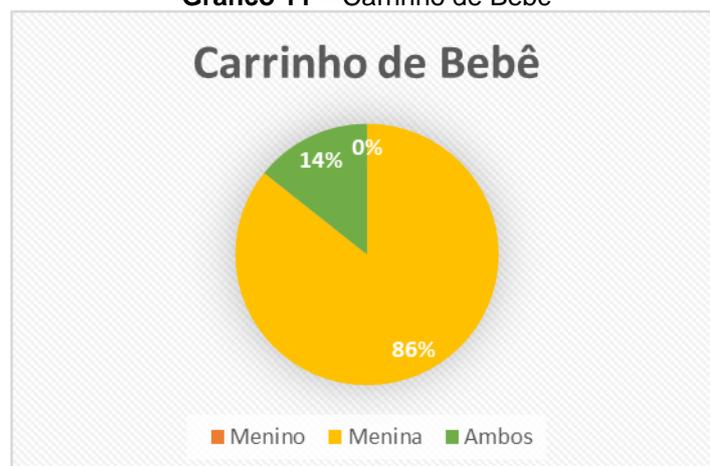
[...] cada sociedade elege algumas que constituem seu modelo e que vão se formando e transmitindo ao longo de sua história, ficando rigidamente estabelecidos como normas ou modelos de conduta. Estes padrões ou modelos não são os mesmos para todos os indivíduos; existem uns para o sexo feminino e outros para o sexo masculino, claramente diferenciados. (MORENO, 1999, p. 29)

Após esta conceituação de Moreno, pode-se notar, a partir das respostas dadas a esse objeto, que em nossa cultura a boneca é um dos objetos mais associado às meninas e a bola de futebol, por sua vez, é associada aos meninos e à sua masculinidade.

Podemos reparar nisso ao ver que 77% dos entrevistados acredita que a bola de futebol é um objeto masculino, 17% consente que é um objeto de ambos os sexos e apenas 6% considera-o de uso feminino. É notável o aumento da participação das meninas jogando futebol. Este pode ser o principal motivo para que haja um grande percentual que acredita ser um objeto dos dois sexos. Já pode ser notado, entretanto, que ainda há um distanciamento entre as mulheres e o futebol. Existe discriminação por sua falta de habilidades ou noções do jogo, o que acaba reprimindo essa ação feminina nas brincadeiras

5.2.11 Carrinho de Bebê

Gráfico 11 – Carrinho de Bebê



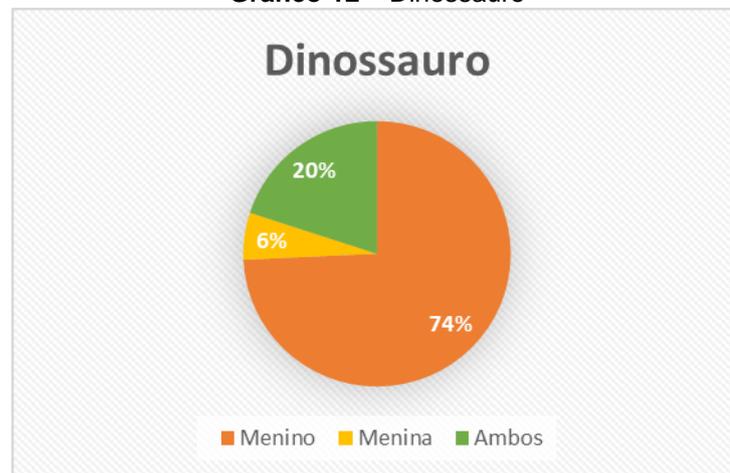
Fonte: dados da pesquisa.

A imagem de um carrinho de bebê foi a penúltima mostrada no questionário. Dos entrevistados, 57% associou o brinquedo como sendo de menina e 43% a ambos os sexos. O carrinho de bebê é um objeto que mostra o cuidado e a atenção com o zelo dos filhos e, assim como a boneca, é algo relacionado à mulher por maior parte da sociedade.

Foi notória a porcentagem que acredita que esse pode ser um objeto de ambos os sexos, porém ninguém acredita que esse é um objeto de menino.

5.2.12 Dinossauro

Gráfico 12 – Dinossauro



Fonte: dados da pesquisa.

A última imagem mostrada foi a de um dinossauro de brinquedo. Nesse item 74% colocou que é um brinquedo de meninos, 20% que é um brinquedo de ambos os sexos e 6% que é um brinquedo de menina.

Como relata Brougère sobre os brinquedos de guerra, ligados mais fortemente ao ambiente masculino, pode-se entender também um pouco da lógica do dinossauro ser preferência entre o sexo masculino: “a brincadeira aparece como um meio de escapar da vida limitada da criança, de se projetar num universo alternativo e excitante, onde a iniciativa é possível, onde a ação escapa das obrigações do cotidiano” (BROUGÈRE, 2010, p. 83), e é isso o que o dinossauro faz. Considerado um ser feroz, excitante, forte e quase inabalável, é preferência dos meninos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: DESCONSTRUINDO ESTEREÓTIPOS

As questões referentes ao brincar sempre estiveram presentes na caminhada acadêmica da autora. Acredita-se que, ao final deste trabalho de conclusão de curso, isso só se intensificou e fez com que fosse possível cultivar um novo olhar, ainda melhor. Notando as sutilezas presentes no brincar, consegue-se ver muito claramente as questões relacionadas a gênero presentes no brinquedo e na brincadeira, o que afeta a prática docente e a percepção pessoal da pesquisadora.

Ao pesquisar e escrever sobre o assunto, foi possível aprender o quanto as crianças, desde muito cedo, aprendem que o mundo é dividido entre cor de rosa e azul. Os brinquedos e as brincadeiras também acabam adotando essa lógica e, assim, o brincar se divide entre ações e objetos relacionados a meninos e outros a meninas. Neste processo, descobriu-se o quanto a sociedade é preconceituosa, e é possível, ainda enxergar-se como fazendo parte dela, muitas vezes sem perceber.

Antes mesmo de o bebê nascer, já começamos a fazer diferenciações sobre com o que cada sexo vai vestir, com o que vai brincar e de quem vai ser amigo, como se isso determinasse algo na formação de gênero da criança. Observou-se a forma como se torna homem e mulher e o quanto as crianças são meninos e meninas de acordo com uma construção da nossa sociedade, como discorre Finco:

Meninos e meninas desenvolvem seus comportamentos e potencialidades no sentido de corresponder às expectativas quanto às características mais desejáveis para o masculino e o feminino. Muitas vezes a escola orienta e reforça diferentes habilidades nos meninos e nas meninas, de forma sutil, transmitindo expectativas quanto ao tipo de desempenho intelectual mais adequado para cada sexo, manipulando sanções e recompensas sempre que tais expectativas sejam ou não satisfeitas. (FINCO, 2007, p. 102)

Ao aplicar os questionários foi visível o quanto as crianças têm um preconceito sobre os brinquedos e brincadeiras típicas de cada sexo. Notou-se que mesmo a maior parte respondendo que não tem diferença entre o que é brinquedo de menino e menina, no momento de elencar os brinquedos a diferença aparecia.

O ambiente familiar é a primeira referência da criança, mas é na escola que ela aprende a socializar, a brincar com o outro e a fazer amigos. Ela é a principal constituinte da nossa identidade de gênero, instituindo como devemos agir e como devemos nos comportar sendo meninos e meninas.

O ambiente escolar deve cessar a multiplicação desses padrões e trabalhar a mudança, colocando no planejamento diário isso como pauta e introduzindo brinquedos e brincadeiras em que todos brinquem igualmente e juntos, quebrando padrões de cores, filas, falas e comportamentos diferentes de acordo com o sexo.

Fortuna (2010) ressalva que brincar pode transformar o mundo, trazendo que nesse mundo com tantas desigualdades e discriminação negativa, a brincadeira é um lugar diferente e que se distingue como um espaço de resistência à crueldade, sendo um modo de praticar a dignidade humana. Com isso, acrescenta-se que o brincar na escola é ainda mais essencial.

A sociedade elege padrões que devem ser seguidos, e esse padrão é transmitido e modificado ao longo da história. Porém, em todo o momento, há um modelo, e isso é inegável. A infância já sofreu uma mudança brusca, a sua valorização e o pensar sobre ela já são avanços significativos.

Acredita-se, portanto, que um docente deve sempre analisar seus objetivos frente a quebrar paradigmas e criar ambientes e espaços onde meninos e meninas possam brincar e aprender juntos. Nesse sentido, Brougère insiste que

O educador pode, portanto, construir um ambiente que estimule a brincadeira em função dos resultados desejados. Não se tem certeza de que a criança vá agir, com esse material, como desejaríamos, mas aumentamos, assim as chances de que ela o faça; num universo sem certezas, só podemos trabalhar com probabilidades. (BROUGÈRE, 2010, 111)

Cada educador tem a obrigação de trabalhar em sala de aula situações que envolvam relações de gênero, podendo quebrar paradigmas em relação à existência de situações ou utensílios feitos para cada sexo. Deve-se proferir que meninas e meninos podem brincar com os mesmos brinquedos, gostar dos mesmos jogos, usar as mesmas cores, ter amigos do sexo oposto, entre outros. Necessita-se ajudar as crianças a refletirem sobre a existência dessas diferenças. O diálogo entre escola e família também é essencial, pois o trabalho deve ser realizado em conjunto para fazer a diferença e combater os rótulos, sem desigualdades ou uma educação sexista.

Da mesma forma, deve-se tomar muito cuidado com o que a mídia, e principalmente a televisão, faz com as crianças. Ela vende uma imagem pronta do que cada sexo deve gostar, fazer e usar, tirando o direito de livre escolha. Nessa finalidade, Brougère argumenta que “o brinquedo se tornou indústria da imagem,

especialmente sob pressão da televisão, que hoje é o único meio de se dirigir diretamente à criança” (BROUGÈRE, 2010, 19).

Almeja-se, dessa forma, ter possibilitado o entendimento de que os brinquedos e as brincadeiras não devem ser diferentes para cada sexo. Isso tira a oportunidade de repertório das crianças e cultua a desigualdade todos os dias, de forma sutil e imperceptível. Essa desigualdade que começa no brincar é a mesma que seguirá para a vida toda, constituindo uma sociedade cada vez mais sexista e com preconceitos que não servem para absolutamente nada.

Como futura pedagoga, pretendo seguir os estudos sobre o tema e pesquisar, com ainda mais atenção, as rotinas diárias da sala de aula e da vida cotidiana, buscando tornar-me uma melhor educadora a cada dia.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Sandra dos Santos. Problematizando gênero e sexualidade na escola. In: SILVEIRA, Catharina et al. (Org.). **Educação em Gênero e Diversidade**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2017. cap. 3, p. 35-44. V. 2.
- ÁVILA, Ivany Souza et al. (Org.). **Escola e Sala de Aula – Mitos e Ritos: Um olhar pelo avesso do avesso**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.
- AZEVEDO, Tânia Maria Cordeiro. Brinquedos e gênero na Educação Infantil: estudo etnográfico. In: KISHIMOTO, Tizuko Morchida; SANTOS, Maria Walburga (org.). **Jogos e brincadeiras: tempos, espaços e diversidade** (pesquisas em Educação). São Paulo: Cortez, 2016. p. 172-192.
- BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e Cultura**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- CARVALHO, Ana et al. Brincadeiras de menino, brincadeiras de menina. **Psicologia: Ciência e Profissão**. Brasília, jan. 1993. p. 30-33. V. 13
- CAMPOS, Maria Malta. Porque é importante ouvir a criança? A participação das crianças pequenas na pesquisa científica. In: CRUZ, Silvia Helena Vieira (Org). **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas**. São Paulo: Cortez, 2008
- FINCO, Daniela. **Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil**. Pro-posições, Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP, set./dez. 2003. V. 14, n. 3, p. 89-101.
- FRANCISCHINI, Rosângela; CAMPOS, Maria Malta. Crianças e infâncias, sujeitos de investigação: Bases teórico-metodológicas. In: CRUZ, Silvia Helena Vieira (Org.). **A criança fala : a escuta de crianças em pesquisas** . São Paulo, SP: Cortez Editora, 2008. p. 102-117.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- GARVEY, Catherine. **A brincadeira: criança em desenvolvimento**. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.
- HORN, Cláudia Inês et al. **Pedagogia do Brincar**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2014.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- MARCONIN, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análises e interpretação de dados**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

MORENO, Montsserat (Coord.). Trad. Ana Venite Fuzatto. **Como se Ensina a Ser Menina: O Sexismo na Escola**. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1999.

MATTIODA, Sonia Regina Griffó. **O processo de formação da identidade de gênero através da literatura infanto-juvenil**. 2007. Disponível em: <http://alb.com.br/arquivomorto/edicoes_anteriores/anais16/sem03pdf/sm03ss01_07.pdf>. Acesso em 15 de Dez. 2017.

OLIVEIRA, Vera Barros de; SOLÉ, María Borja I.; FORTUNA, Tânia Ramos. **Brincar com o outro: Caminho de saúde e bem-estar**. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

APÊNDICE A

QUESTIONÁRIO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PEDAGOGIA
PESQUISADORA: CAMILA GOULART LIMA
PROFESSORA ORIENTADORA: TÂNIA RAMOS FORTUNA

QUESTIONÁRIO

Você é menino ou menina?

Escreva a sua idade.

Conte quais as brincadeiras que você mais gosta de brincar em casa.

Escreva quais brincadeiras que você mais gosta de brincar na escola.

Quais brinquedos que você mais gosta de brincar?

Com quem você costuma brincar em casa e na escola?

Qual a sua cor favorita?

Quem são seus melhores amigos/amigas?

O que para você é brinquedo de menina?

O que para você é brinquedo de menino?

O que você acha sobre existir a diferença entre “brinquedo de menino/brinquedo de menina”?

Nas imagens a seguir escreva menino nos brinquedos que você considera de menino e menina nos brinquedos que você considera de menina.

- Se acredita que o brinquedo pode ser de menino e menina escreva ambos.



APÊNDICE B**TERMO DE CONSENTIMENTO DA ESCOLA**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS BÁSICOS

Porto Alegre, 18 de outubro de 2017.

Senhor/a Diretor/a:

Ao cumprimentá-lo/a apresentamos a V.Sa. a/o universitária/o Camila Goulart Lima, regularmente matriculado no Curso de Pedagogia.

Solicitamos permissão para que a/o aluna/o possa realizar trabalho prático de pesquisa educacional para fins do seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Vale mencionar que o comprometimento tanto da instituição como da/o aluna/o que ora se apresenta é de respeitar os valores éticos que permeiam esse tipo de trabalho. Desta forma, informamos que quaisquer dados obtidos junto a esta instituição estarão sob sigilo ético.

Desde já agradecemos sua atenção e cooperação.

Tânia Ramos Fortuna
Professora Orientadora do TCC

Autorizo o uso dos dados coletados para compor o trabalho de pesquisa acima mencionado.

Porto Alegre, ____ de _____ de _____.

Assinatura do participante da pesquisa